



## **O estresse térmico na região da floresta amazônica já é uma realidade e tende a aumentar com as mudanças climáticas e desmatamento**

O desmatamento, as queimadas e as mudanças climáticas contribuem para o processo de savanização da floresta amazônica, e conseqüentemente o aumento da temperatura na região podendo levar a população local ao estresse térmico.

Por | Gláucia Pérez

Editora | Susana Oliveira Dias

Em um artigo, de 2021, para a revista científica britânica [Nature](#) os pesquisadores Beatriz Oliveira, da Fiocruz Piauí; Marcus Bottino do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe); Paulo Nobre do INCT mudanças climáticas fase 2 – subcomponente modelagem do sistema terrestre e produção de cenários futuros de clima para estudos de vulnerabilidade, impactos, adaptação e resiliência; e Carlos Nobre do Instituto de Estudos Avançados da USP, falam sobre o estudo realizado na região Amazônica que descreve o processo de savanização que já ocorre devido ao desmatamento, queimadas e as mudanças climáticas, aumentando a temperatura na região. A elevação da temperatura deixará um ambiente inabitável para a população, principalmente para os mais vulneráveis, levando ao estresse térmico.

De acordo com o estudo o aumento do desmatamento na Amazônia significa que o que foi estipulado no Acordo de Paris, em 2015, não está sendo mantido. Para se ter uma ideia o desmatamento em 2020 deveria ser de 3.925 km<sup>2</sup> ao invés disso foi de 11.022 km<sup>2</sup>. E ainda nesse mesmo ano, em setembro, houve recordes de calor, não apenas no país mais em todo o mundo devido as mudanças climáticas, aumentando ainda mais as temperaturas na região.

Em uma entrevista em fevereiro de 2021 para o [Valor Econômico](#) o pesquisador e climatologista Carlos Nobre disse que em 1990, em um artigo científico, apontou que em 30 anos a savanização



amazônica poderia acontecer. Na época o desmatamento era pequeno, mas que agora não há como negar que o processo de savanização já ocorre, e algo precisa ser feito imediatamente, que é imprescindível que no máximo cinco anos o desmatamento seja zerado e inicie de imediato o processo de restauração.

No Brasil, o desmatamento e as queimadas junto às mudanças climáticas irão tornar quase impossível a sobrevivência do homem na região norte e centro-oeste, uma vez que essas regiões serão as mais atingidas. As altas temperaturas e umidade que ocorrerão nessas regiões não permitirá o resfriamento do corpo humano, ao contrário, irá gerar uma elevação da temperatura que causa o estresse térmico prejudicando a saúde humana, inclusive a mental, e a capacidade física de realizar as atividades diárias, podendo levar a morte.

Para calcular o estresse térmico causado pelas altas temperaturas foi utilizado nesse estudo o indicador “Temperatura de bulbo úmido” - WBGT (wet-bulb globe temperature), que considera as seguintes condições da atmosfera: temperatura, umidade, radiação solar e velocidade do vento.

Em dois cenários estima-se que o processo de savanização da floresta amazônica e às mudanças climáticas afetariam diretamente a saúde de seis milhões de pessoas, considerando o  $WBGT \geq 34^{\circ}C$ , e o RCP4.5 (representative concentration pathways), que representa a quantidade de gás carbônico que entra na atmosfera, e que é um dos índices mais baixos. E afetaria a saúde de onze milhões de pessoas, considerando o  $WBGT \geq 34^{\circ}C$ , e o RCP8.5, que é o índice mais alto, onde não seria possível uma pessoa ter atividades ao ar livre mais do que uma hora/dia.

O estudo considera também que as ações humanas como as queimadas, as atividades de mineração e o desmatamento, junto a falta de planejamento urbano e saneamento básico contribuem para o aumento da desigualdade e vulnerabilidade da população. Sem contar que as mudanças climáticas colaboram substancialmente para esse quadro. Sendo assim os serviços sociais de saúde serão de grande ajuda para minimizar o impacto na população.



*Revista ClimaCom, Coexistências e cocriações | jornalismo – notícia | ano 8, no. 20, 2021*

A pesquisadora Beatriz Oliveira considerou na notícia da [Agência Brasil](#) do dia 1º de outubro que “o setor de saúde poderia ser um importante motivador na formulação de políticas integrativas para mitigar o risco de estresse térmico e a redução da vulnerabilidade social”.

*Gláucia Pérez é bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq projeto 465501/2014-1, FAPESP projeto 2014/50848-9 e CAPES projeto 16/2014, sob orientação de Susana Dias e Antonio Carlos Amorim.*

**Coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq)**

**Projetos | Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Mudanças Climáticas (INCT-MC) - (Chamada MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 16/2014/Processo Fapesp: 2014/50848-9); Revista ClimaCom: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/> e Revista ClimaCom.**